

Aspectos do Novo Arrabalde, um projeto secular

A) 20379



LOCALIZAÇÃO

Os apartamentos da Construtora Garante são de frente para o mar, próximo a padarias, supermercados, farmácias, hospital, etc.

Construtora Garante

Valorização Garantida. Satisfação Permanente.

LIGUE JÁ 229-8339

Christina Abelha

Sonhada para ser uma grande praça comercial como Paris e Londres, no final do século passado, Vitória começou a ser cuidadosamente preparada, a partir de 1895, pelo seu presidente Muniz Freire. Com uma estratégia que envolvia não só ações na ilha, como o projeto do Novo Arrabalde, mas também no interior do Estado, estabelecendo a ligação entre as regiões produtivas de São Mateus (Norte) e Cachoeiro de Itapemirim (Sul) com a capital, o governante colocou seus planos em prática. Beneficiado pela intensificação das exportações da produção agrícola

produtiva, ou seja, Santa Leopoldina, uma área de pequena produção”.

Urbanização modesta

Vitória, naquele momento, fazia a ligação entre a produção do campo, da sua região produtiva e o mercado externo. A cidade era comercial, prestadora de serviço, o que para o pesquisador é um dos pontos que ajudam a explicar essa face da capital capixaba ainda hoje. “Isso vai dar certas características à idade, ao seu espaço, definindo também a importância do porto natural. Nesse momento ainda não existia cais de acostamento”, reforça.

Um aspecto do estudo da urbanização de Vitória, ressaltado pelo pesquisador, é que em função da pequena produção formou-se uma cadeia de relações comerciais, que se estabeleceu entre pequenos produtores e comerciantes. O que significa que existiam os pequenos produtores, os vendedores e uma certa dependência mútua. Tudo aquilo que o agricultor não produzia no campo comprava na venda e, em troca, pagava com o café. Vem daí o crescimento de alguns vendedores. Estes vendiam o café para casas comerciais filiadas a empresas estrangeiras sediadas em Vitória.

deste setor sediado na capital”. Ele passou a identificar o percurso da riqueza gerada pelo café e concluiu que foi no comércio que houve a acumulação dessa riqueza e não na produção. Ao contrário das referências teóricas correntes, resultado de estudos do caso de São Paulo e outros centros, descobriu que a pequena produção no Espírito Santo nasceu subordinada ao comércio, fortalecendo esta atividade, o que explica sua importância ainda hoje em Vitória.

Neste ponto, o pesquisador passou a analisar a política de imigração, a lei de terras, no Brasil de 1850, e a forma como essas ações manifestaram-se no Espírito Santo. Segundo ele, está aí a explicação dos fatos, que deram contorno diferente ao desenvolvimento do Estado, fortalecendo a atividade do comércio, que influenciou na criação do Novo Arrabalde. “Esta lei foi um instrumento criado para impedir que o imigrante tivesse acesso à propriedade da terra e pudesse funcionar como alternativa para substituir, nas grandes propriedades, o trabalho escravo, que estava com os dias contados”, escreveu.

O novo Arrabalde é hoje a região que engloba a Praia do Canto, Praia Comprida, Santa Helena, Santa Luzia, Praia do Suá e parte de Jucutuquara



PROENGA
CONSTRUTORA E INCORPORADORA

100 DUZINDOS DE ENGENHARIA CENTRAL DE VENDAS
227-2222

Sonhada para ser uma grande praça comercial como Paris e Londres, no final do século passado, Vitória começou a ser cuidadosamente preparada, a partir de 1895, pelo seu presidente Muniz Freire. Com uma estratégia que envolvia não só ações na ilha, como o projeto do Novo Arrabalde, mas também no interior do Estado, estabelecendo a ligação entre as regiões produtivas de São Mateus (Norte) e Cachoeiro de Itapemirim (Sul) com a capital, o governante colocou seus planos em prática. Beneficiado pela intensificação das exportações da produção agrícola capixaba, encomendou o arrojado projeto urbano de uma área residencial ao engenheiro sanitário Saturnino de Brito e a Cia Torrens estudos para a construção do Porto de Vitória. Esses dados estão na tese de mestrado **O Novo Arrabalde: Aspectos da Formação Urbana de Vitória**, do professor e já doutor Carlos Teixeira de Campos Júnior, 39 anos, concluída em 1985, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo.

Essa investigação partiu da preocupação do pesquisador em compreender o processo de formação urbana de Vitória. Ao observar a proposta de Muniz Freire de expansão de uma área seis vezes maior do que a própria cidade, ele quis saber quais as razões desse projeto, que engloba hoje os bairros Praia do Canto, Praia Comprida, Santa Helena, Santa Lúcia, Praia do Suá e parte de Jucutuquara.

“Decidi investigar as razões do surgimento do Novo Arrabalde. Para fazer isso tive que compreender o que era Vitória naquele momento. Qual a atividade econômica que dava dinamismo a essa cidade, em função de que ela vivia; dados que eu não podia deixar escapar. Comecei a lidar com o processo econômico, com a história propriamente dita, fazendo minhas investigações, principalmente no Arquivo Público Estadual. Eram livros raros e teses escritas sobre a realidade capixaba”, explica o professor, que não deixou de analisar, inclusive, documentos oficiais como mensagens do governo, que ajudaram a embasar a formulação de sua teoria sobre o assunto.

A ocupação territorial

“Descobrir as razões que motivaram a proposta do Novo Arrabalde resultou em pesquisa sobre o processo de ocupação territorial, a política de imigração e de terras no Brasil e a análise dos seus desdobramentos no Espírito Santo. Teixeira de Campos observou a semelhança da ocupação territorial na faixa litorânea do Estado, que não fugia à regra geral dos procedimentos ocorridos nas cidades de colonização portuguesa. Lógica que se voltava para fora e não para o desenvolvimento do mercado interno. Em torno de cidades localizadas na faixa litorânea desenvolviam-se regiões destinadas a produzir para atender às necessidades do mercado externo.

“O que identifiquei é que não existia ligação por transporte ferroviário entre as regiões de São Mateus e Cachoeiro de Itapemirim com Vitória, integrando o território capixaba. O que havia era uma comunicação feita por mar. O que não garantia que fosse alterada a situação de isolamento das regiões. A ocupação dessa faixa litorânea se deu, portanto, levando a produção para fora, sem vínculo entre as cidades. O maior ou menor dinamismo dessas cidades, naquele tempo, dependia da importância econômica da sua região produtiva”, afirma o professor.

Ao Sul do Espírito Santo havia a estrutura produtiva fundada na grande propriedade, com relações escravas de trabalho, nos moldes da produção cafeeira do Rio de Janeiro e Minas Gerais, visto que a ocupação dessa região foi resultado da expansão da fronteira agrícola desses estados vizinhos. Na Região Central a predominância era do imigrante europeu, da pequena propriedade e da mão-de-obra familiar. No Norte, pouco ocupado, a grande propriedade também se destacava. “O que começo a ver é que essa separação entre as regiões vai fazer com que a dinâmica da capital esteja muito ligada à sua região

cas a cidade, a seu espaço, definindo também a importância do porto natural. Nesse momento ainda não existia cais de acostamento”, reforça.

Um aspecto do estudo da urbanização de Vitória, ressaltado pelo pesquisador, é que em função da pequena produção formou-se uma cadeia de relações comerciais, que se estabeleceu entre pequenos produtores e comerciantes. O que significa que existiam os pequenos produtores, os vendedores e uma certa dependência mútua. Tudo aquilo que o agricultor não produzia no campo comprava na venda e, em troca, pagava com o café. Vem daí o crescimento de alguns vendedores. Estes vendiam o café para casas comerciais filiadas a empresas estrangeiras sediadas em Vitória.

Seria, portanto, pouco provável que o imigrante, dono de modestos recursos, tivesse condições de promover a urbanização de investimentos, ocasionando o crescimento de Vitória. Ao contrário da capital capixaba, em São Paulo o fazendeiro era grande produtor. Com isso, diversificou suas atividades, fundando bancos, indústrias e investiu no mercado imobiliário, promovendo o crescimento da cidade.

O investimento urbano da capital, diversificando atividades só poderia ocorrer por iniciativa do comércio, onde se dava a acumulação. Mas não foi o que se verificou. Acredita o pesquisador que as filiais de firmas exportadoras, aqui estabelecidas, encontraram menores oportunidades de investimentos em outras praças. Portanto, o comércio contribuiu para a modesta urbanização de Vitória.

Fluxo migratório

E o que teria motivado o surgimento desta área de expansão urbana denominada Novo Arrabalde? Teixeira de Campos aponta a estratégia de Muniz Freire em estabelecer a ligação entre as regiões produtivas São Mateus-Vitória-Cachoeiro de Itapemirim.

“Ele pretendia estabelecer a convergência do escoamento da produção para Vitória, visando o mercado externo, através do porto que pretendia construir. A produção da Região Sul era toda enviada para o Rio de Janeiro, através da Estrada de Ferro Leopoldina, que passava por Campos, sem nenhuma relação com Vitória. O mesmo ocorria com a produção da Região Norte, que por mar ia para o Rio de Janeiro antes de encontrar outros mercados. Identificando a lógica das cidades comerciais para o crescimento econômico, naquele momento, Muniz Freire percebeu a necessidade de construir um sistema ferroviário que convergiria do Sul e do Norte do Estado, assim como de parte de Minas Gerais para Vitória, com a finalidade de promover o crescimento da capital”.

A melhoria da cidade, com relação ao saneamento básico precisava ser feita, para que tivesse condições de salubridade para abrigar os fluxos migratórios. O maior número de pessoas atraídas pelo aumento das atividades comerciais, que imaginava-se aconteceria (o Espírito Santo viveu também, neste período, o boom da atividade cafeeira), que geraria mais renda para o Estado.

Com o Novo Arrabalde, uma área pensada para atender aos padrões de higiene e salubridade, e a realização de estudos para a construção do cais do porto, foi projetado um sistema de abastecimento de água e esgoto. “É aí que Saturnino de Brito, que havia feito os projetos de cidades como Campinas, Petrópolis, Juiz de Fora, entre outras, traça o projeto de maneira exemplar. O desenho que ele fez, no século passado, ainda é o mesmo. Todo esse cuidado indica que Muniz Freire queria promover o crescimento de Vitória pela via comercial, que era a concepção de desenvolvimento que ele tinha”, aponta o professor.

A lei de terras

Teixeira de Campos passa a investigar, então, a força dessa atividade comercial e chega à estruturação do poder local. “O café era a maior riqueza do Estado naquele momento. As exportações deste produto chegavam a 97% do total das exportações capixabas. Comecei a perceber que essa atividade comercial tinha um peso muito grande nessa estruturação de poder, que vai fazer com que a iniciativa do governante, de projetar o Novo Arrabalde atenda a interesses

cas a cidade, a seu espaço, definindo também a importância do porto natural. Nesse momento ainda não existia cais de acostamento”, reforça.

O novo Arrabalde é hoje a região que engloba a Praia do Canto, Praia Comprida, Santa Helena, Santa Luzia, Praia do Suá e parte de Jucutuquara

